

LIVRO BRANCO
DAS
GUIAS E ESCUTEIROS
DA EUROPA

Edição (v.2): 01 de Novembro de 2012

Título: Livro Branco das Guias e Escuteiros da Europa

Edição: Edição (v.2): 01 de Novembro de 2012

Execução Gráfica:

1. PREFÁCIO

1.1 UMA CONSTATAÇÃO

Os Estatutos, a Carta do Escutismo Europeu e o Directório Religioso¹ são os textos fundadores do nosso Movimento e são suas referências absolutamente necessárias. Contudo, escritos há dezenas de anos, num contexto singularmente diferente do actual, a leitura destes documentos pode tornar-se difícil. Em 1985, “vinte anos depois da redacção da Carta do Escutismo Europeu (1965-1985) pareceu-nos útil fazê-la acompanhar de um comentário esclarecedor do seu conteúdo e expressão”². Estes textos fundamentais definem as grandes orientações do Movimento mas os princípios gerais neles contidos não são adequados para regulamentar os problemas do quotidiano.

O Regulamento Interno é, por natureza, mais preciso e define essencialmente o modo de administração e funcionamento da associação.

1.2 UMA NECESSIDADE

Desde já, parece-nos útil que os nossos interlocutores externos (Estado, Igreja, instituições, média...), bem como os responsáveis do Movimento, qualquer que seja a sua posição na hierarquia, e os pais, possam referir-se a um texto simples que delimite com precisão o quadro da nossa acção ao serviço dos jovens. Este Livro Branco constitui para nós uma espécie de regras do jogo e apresenta com toda a transparência as principais posições do Movimento. Cada um pode assim ter uma visão global e clara das orientações da nossa associação de Escutismo ao nascer do 3º milénio.

1.3 PLANO DO LIVRO

Orientações Fundamentais

Movimento Educativo – Católico – pelo Escutismo

Regras de Funcionamento Interno

Hierarquia – Uniforme – Cerimonial – Formação

Segurança – as condutas inadmissíveis

A Nossa Relação com o Mundo

Juventude – Outros Movimentos – Escutismo Internacional

Igreja – Estado – Política

¹ O Directório Religioso da União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa foi modificado em 1997.

² Introdução de “Comentários da Carta do Escutismo Europeu”, 8 de Dezembro de 1985.



2. ORIENTAÇÕES FUNDAMENTAIS

Permanência do nosso método educativo

2.1 MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO

2.1.1 UM MOVIMENTO EDUCATIVO COMPLEMENTAR À FAMÍLIA

Criada em Portugal em 1979^{3,4}, a Associação das Guias e Escuteiros da Europa - Portugal (AGEEP) define-se como um movimento de educação. Considera-se, juntamente com a escola, como complementar à família que é responsável pela criança num primeiro nível⁵. Convidamos a família a tomar conhecimento das nossas “regras do jogo” tal como são apresentadas de seguida, e a aceitá-las. O Movimento compromete-se em troca a respeitar essas mesmas regras.

2.1.2 UM MOVIMENTO DE JOVENS E PARA OS JOVENS

O Escutismo foi criado no início do século XX por Baden-Powell (B-P) a partir de uma longa experiência com jovens e da observação do rapaz (das suas necessidades e das suas características psicológicas), mas também da verificação da insuficiência do sistema educativo tradicional e das dificuldades de certas famílias. Baden-Powell procurou formar jovens cidadãos alegres e úteis ao seu país. O método escutista contribuiu assim para formar milhões de jovens, rapazes e raparigas. Enriquecido por uma experiência de quase um século, o Escutismo mantém-se surpreendentemente moderno e adaptado aos jovens dos nossos dias.

O método escutista, tal como foi concebido pelo seu fundador, enriquecido ao longo do tempo pela experiência vivida, visa o desenvolvimento equilibrado de todas as dimensões do ser humano (corpo, carácter e alma) ajudando os jovens:

- a fortalecer a sua personalidade,
- a desenvolver a sua saúde física e moral,
- a adquirir o sentido do concreto,
- a saber colocar-se ao serviço dos outros,
- a descobrir o sentido espiritual da sua vida.

Estes cinco objectivos do Escutismo⁶ são comentados em anexo.

Se partilhámos os objectivos e princípios de todas as Guias e de todos os Escuteiros do mundo, reivindicamos, por isso, o direito de propor às famílias e de garantir o método educativo tal como ele foi imaginado pelo fundador do Escutismo, Baden-Powell, e

³ A Federação do Escutismo Europeu foi criada em 1956 em Colónia (Alemanha). A criação da Associação Portuguesa data de Julho de 1979.

⁴ Ver anexo n.º 1: “Histórico das Guias e Escuteiros da Europa”.

⁵ Carta do Escutismo Europeu art.º 7.

⁶ Ver anexo n.º 2 “Modernidade do Método”.

enriquecido pelo Padre Sevin⁷. É a esta herança que se referem as Guias e Escuteiros da Europa.

Para responder às necessidades e esperanças do jovem, as Guias e Escuteiros da Europa vivem e propõem um método educativo, moderno e actual, cujas características essenciais e fundamentais são:

- A confiança dada ao jovem, baseada num compromisso livre.
- A vida escutista no quadro dos pequenos grupos autónomos segundo três ramos de idade.
- Uma educação diferenciada para rapazes e raparigas.
- A vida na natureza e na sociedade.

2.1.3 A CONFIANÇA DADA AO JOVEM, BASEADA NUM COMPROMISSO LIVRE

O Escutismo leva o jovem a sério, propõe-lhe caminhadas adaptadas a cada idade, considera-o sempre capaz de se comprometer pela sua palavra. A confiança baseia-se na Promessa, compromisso livre e solene de cumprir a Lei Escutista, carta da vida comum.

2.1.4 A VIDA ESCUTISTA NO QUADRO DOS PESQUENOS GRUPOS AUTÓNOMOS SEGUNDO TRÊS RAMOS DE IDADE

- Ramo Amarelo (Lobitismo) – Lobitos e Lobitas (8-12 anos), organizados em Alcateias e Clareiras de 24 crianças no máximo: adaptação à vida em comunidade;
- Ramo Verde (Escutismo e Guidismo) – Escuteiros e Guias (12-17 anos) repartidos em Patrulhas de Escuteiros ou Guias: a responsabilidade no jogo escutista;
- Ramo Vermelho (Caminho) – Caminheiros e Guias-Mais-Velhas (mais de 17 anos) agrupados em Clãs ou Fogos: para a responsabilidade adulta e serviço.

Esta repartição em três ramos de idade (os Ramos Pedagógicos) respondem à observação da evolução psicológica e social da criança e à finalidade pedagógica do Escutismo que é a atribuição progressiva e precoce de responsabilidade ao jovem.

Em cada um dos Ramos Pedagógicos, as crianças e os adolescentes experimentam uma grande autonomia e uma aprendizagem concreta da liberdade e das exigências da vida em comunidade.

Porque crê na palavra do jovem, e que este procura que a sua palavra não seja virtual mas bem concreta, o Escutismo faz crescer cada jovem atribuindo-lhe progressivamente verdadeiras responsabilidades, adaptadas à sua idade e competências.

⁷ Padre, Jesuíta, co-fundador do escutismo católico em França.

2.1.5 SISTEMA DE PATRULHAS

Especialmente na idade de Escuteiro, o sistema de patrulhas, intuição genial de Baden-Powell, é o melhor pilar do método que permite a aprendizagem da verdadeira responsabilidade.

A sua aplicação frutuosa necessita de reunir alguns jovens de idades diferentes compreendidas entre os 12 e os 17 anos, de origem social e cultural variada, sob a autoridade de um dos mais velhos: o Chefe de Patrulha (CP). É este sistema que leva o jovem a assumir verdadeiras responsabilidades. Responsabilidade das missões dentro da patrulha, em primeiro lugar e, depois, responsabilidade global do CP. Esta última responsabilidade, se bem que supervisionada, situa-se ao mais alto nível. É o que expressa o CP na sua oração: “*Senhor Jesus Cristo que apesar da minha fraqueza me escolheste para Chefe e guardião dos meus irmãos escuteiros (irmãs guias)*”. O CP é por isso, mais que um simples encarregado do projecto, substituível em função das situações. Note-se a extraordinária riqueza desta progressão pedagógica e sobretudo, a sua coerência com o princípio do método que, relembramos, visa o desenvolvimento da totalidade da pessoa: corpo, carácter e alma!

Cada um é indispensável à vida da Patrulha. Do mais novo ao mais velho, com vista ao seu desenvolvimento pessoal, cada jovem tem à sua medida uma verdadeira responsabilidade, plena e inteira. O Escutismo é assim uma escola da autonomia pela aprendizagem da responsabilidade.

2.1.6 UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA PARA RAPAZES E RAPARIGAS

Há já dezenas de anos que a educação mista foi imposta no domínio escolar: actualmente, faz parte da paisagem diária das crianças e dos jovens .

Esta situação apresenta incontestavelmente aspectos positivos: os rapazes e as raparigas não são mais educados na ignorância do outro sexo. Mas no que diz respeito à educação, torna mais difícil reconhecer a identidade plena de cada um. A mistura generalizada não permite o recolhimento necessário para que cada jovem se situe e descubra a sua identidade própria. Para além disso, verifica-se actualmente uma forte tendência para sexualizar todos os comportamentos e todas as relações homem/mulher. Sob o efeito poderoso da imagem normalizadora veiculada pelos média, favorece-se a generalização de atitudes baseadas nas relações sexuais dos adultos, onde a emotividade e afectividade, que não podem ser senão mal dominadas nesta idade, são as únicas regras de conduta propostas aos jovens.

Numerosas vozes se fazem hoje ouvir para sublinhar a importância de uma educação diferenciada para rapazes e raparigas. As Guias e Escuteiros da Europa praticam esta diferenciação desde a origem do Movimento. Numa sociedade totalmente mista, nós propomos hoje um espaço específico para rapazes e outro para raparigas.

O objectivo educativo é:

- permitir aos rapazes e raparigas a expressão e afirmação da sua identidade própria: as necessidades físicas e psicológicas, os centros de interesse, os modos de afirmação da personalidade são diferentes; num grupo misto, a tendência é mais de impor a norma masculina (linguagem, vestuário), o que é pouco respeitoso da identidade feminina.
- respeitar as diferenças de maturidade psicológica: especialmente na idade escolar e mesmo liceal; a maturidade precoce das raparigas tem um efeito desvalorizador nos rapazes.
- as actividades escutistas são assim, espaços de liberdade onde os rapazes e raparigas podem desempenhar cada um o seu papel, o que lhes permite descobrir progressivamente a riqueza e harmonia das suas vocações pessoais no plano divino e a sua complementaridade: “Deus criou o Homem à sua imagem... Ele os criou, homem e mulher.”
- é por isso que, ao favorecer e respeitar a formação de uma identidade própria no quadro de Unidades homogéneas e separadas, o Movimento procura igualmente levar à descoberta desta complementaridade: a criação de uma organização com duas secções, separadas nas suas actividades mas partilhando as mesmas regras, objectivos e o mesmo ideal, e reunidas na igualdade de poder e de responsabilidade ao nível dos mais velhos e dos adultos, é uma intuição notável de modernidade.

Em todos os níveis, os responsáveis, homem e mulher, agem conjuntamente. Na idade de Caminheiros e Guias-Mais-Velhas, as actividades de formação e de serviço comuns aos rapazes e raparigas são frequentemente organizadas no quadro do Clã ou do Fogo.

No respeito da sua identidade e das suas qualidades, eles vivem, pela prática das suas responsabilidades, uma experiência de complementaridade que os prepara directamente para a sua vocação de colaboração harmoniosa na construção do mundo.

2.1.7 A VIDA NA NATUREZA E NA SOCIEDADE

O Escutismo considera o jogo e a vida na natureza como um pilar essencial do seu método⁸. As actividades desenvolvem-se principalmente na natureza sob a forma de jogos e de aventuras atractivas e variadas, apelando à aquisição de técnicas de vida ao ar livre e de animação de grupos.

A natureza é uma escola de verdade. A criança encontra nela os ritmos essenciais e aprende a conhecê-la e a construir com ela para nela viver, respeitando-a. A Guia e o Escuteiro da Europa consideram-na uma obra de Deus⁹. Verdadeiro civismo na escola das florestas, o jogo escutista na natureza é uma aprendizagem que conduz ao serviço e ao compromisso na sociedade humana. Em função de cada idade experimentam-se acções de serviço concretas, eficazes e úteis.

⁸ Carta do Escutismo Europeu - art.º 5.

⁹ Lei Escutista, art.º 6.

2.2 MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

2.2.1 ABERTO A TODOS

O Escutismo está aberto a todos, qualquer que seja a escolha filosófica ou religiosa da família. A diversidade de associações escutistas e as escolhas feitas por cada uma, garantem a cada família a liberdade de exercer a sua escolha. Consideramos essencial a existência de associações de Escutismo de outras religiões, confessionais ou não, e desenvolvemos com elas, se assim o desejarem, relações fraternas respeitando as convicções de cada uma.

A Associação das Guias e Escuteiros da Europa - Portugal está aberta a todas as crianças sem discriminação de raça ou de meio social e está fundamentalmente ligada à dimensão cristã da sua pedagogia escutista: a um nível internacional, as Guias e Escuteiros da Europa estão ligadas a unidades ou associações de jovens da Igreja Católica, da Igreja Ortodoxa e das Comunidades Evangélicas provenientes da Reforma¹⁰. Se houver pedidos suficientes, as unidades protestantes ou ortodoxas podem naturalmente constituir-se no quadro da nossa associação, mas formando unidades ou grupos distintos.

2.2.2 PROFISSÃO DA FÉ CATÓLICA

Em Portugal, a nossa associação de leigos faz, sem complexo ou arrogância, a profissão de fé católica:

- a caminhada espiritual e a prática religiosa estão integradas total e harmoniosamente na nossa pedagogia escutista (respeito da regra de equilíbrio entre os cinco objectivos do Escutismo). É por isso que a Promessa das Guias e Escuteiros da Europa, baseada no baptismo, chama cada um a agir como Cristão e como Escuteiro ao serviço da Igreja e dos Homens.
- a nossa intervenção na Evangelização é para formar crentes sólidos, aptos a serem missionários, na sua vida de jovens e de adultos, e a comunicarem a sua fé, não só com convicção mas também com competência.
- é por isso que as crianças que acolhemos são baptizadas na religião católica, ou comprometem-se numa caminhada de catequese enquanto neófitos (preparação para o baptismo). Neste contexto muitas crianças são acolhidas nas Unidades sem serem baptizados; elas escolhem, de acordo com a sua família, participar nas nossas actividades, aceitando uma reflexão espiritual no sentido do baptismo.
- O Movimento acolhe-os com alegria, fiel à sua missão de Evangelização, no respeito da liberdade de cada um. Assim que a criança tenha tido o tempo necessário para que a sua reflexão atinja a maturidade, ela poderá escolher, de acordo com os seus pais, entrar numa caminhada catecumenal e pronunciar a sua

¹⁰ Esta concepção universal da nossa associação não é recente. Visão profética, é mesmo anterior ao Concílio do Vaticano II. Na Alemanha e no Canadá existem simultaneamente uma associação Católica e outra Evangélica. Os Ortodoxos existem sobretudo na Rússia.

Promessa de Guia ou Promessa de Escuteiro. Ou então, ela escolherá seguir a sua progressão escutista num movimento não confessional ou de confissão correspondente à sua escolha.

2.2.3 “POPULAR E ELITISTA”

Uma vez estabelecida a posição da associação no plano religioso, escolhido e aceite pela família, a AGEEP rejeita toda a ideia de selecção de crianças que desejem praticar o Escutismo. A associação não é propriedade de nenhuma raça, casta ou partido baseados em critérios sociais ou outros.

Pretende, pela sua acção educativa, participar na formação de homens e de mulheres que se envolverão activamente, com todas as suas possibilidades, com honestidade e rectidão, na vida da sociedade e da Igreja.

A “Elite” que ela espera ver sair dos seus ramos é assim uma “elite” de serviço e de santidade. Neste sentido, a AGEEP não recusa tal filosofia, desde que não seja uma selecção social, mas promoção do ser humano.

É assim proposto a cada um dar o seu melhor, qualquer que seja o seu talento e limite. Não é uma questão de nivelamento pelo inferior, nem de uma selecção pelo superior. É uma proposta educativa, feita a cada rapariga e rapaz, para ele próprio. A nossa ambição é contribuir para tornar cada um melhor e mais responsável.

A competição não existe senão na relação consigo próprio: fazer hoje melhor que ontem, e amanhã fazer ainda melhor que hoje¹¹. Apenas o jogo colectivo permite a cada um tomar consciência da conjugação dos talentos individuais.

3. REGRAS DE FUNCIONAMENTO INTERNO

Uma questão de confiança e lealdade

3.1 ORGANIZAÇÃO GERAL

Membro da União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa (UIGSE), a Associação das Guias e Escuteiros da Europa – Portugal subdivide-se em cinco escalões:

- Nacional
- Província
- Distrito
- Grupo
- Unidade

Na sua forma ideal, o Grupo é composto por duas Unidades: uma Tribo e uma Alcateia para os rapazes ou uma Companhia e uma Clareira para as raparigas. As Unidades mais velhas (Fogo ou Clã) são geralmente reagrupadas a nível de Distrito.

¹¹ Cerimonial da Partida do Caminheiro

3.1.1 HIERARQUIA DO MOVIMENTO, UMA HIERARQUIA DE SERVIDORES

A AGEEP é um movimento de jovens rodeados de adultos cuja função é deixar os jovens jogar em segurança o jogo escutista num espaço de liberdade. Os responsáveis adultos determinam as regras de funcionamento das Unidades e asseguram o respeito das regras pedagógicas e do regulamento em vigor.

Colocada ao serviço das Unidades, a hierarquia fornece um quadro de animação e de formação, que estimula a reflexão pedagógica e favorece o enriquecimento do método escutista. Permite igualmente a constituição de equipas especializadas (escuteiros marítimos, náuticos, alpinistas) e de grande técnica (expressão, animação, socorrismo, multimédia...), que participam no esplendor do Movimento.

A hierarquia estrutura o Movimento e assegura a sua homogeneidade. Favorece assim a sua unidade num espírito fraternal pela constituição de equipas em todos os níveis de responsabilidade.

3.1.2 PRINCÍPIOS DE ACÇÃO

Este funcionamento fraternal baseia-se na aceitação e na transmissão de instruções. Este funcionamento ilustra-se pelo “sempre preparado” que marca a aceitação da autoridade, muito diferente do “às vossas ordens” que marca a submissão à autoridade.

Três elementos devem estar presentes no espírito dos Chefes responsáveis, seja qual for o seu nível de responsabilidade (do CP aos Comissários Gerais):

- em primeiro lugar, o sistema funciona apenas na confiança, lealdade e caridade: a investidura do Chefe é expressão solene da confiança trocada entre o Movimento e o educador aceitando a responsabilidade que lhe é confiada.
- em segundo lugar a Pedagogia dos Conselhos, sem a qual não há verdadeira prática de Escutismo, tem de ser utilizada plena e honestamente.

Em cada escalão do Movimento (Unidade, Grupo, Distrito, Província, Nacional), o Chefe responsável exerce a sua autoridade no quadro dum Conselho que é a reunião do Chefe e dos seus subordinados directos. Assim o Conselho de Chefes de Grupo é composto pelo Chefe de Grupo, Conselheiro Religioso e Chefes de Unidade; é vulgar, e normal, convidar os Assistentes dos Chefes de Unidade.

- Nenhuma decisão importante, em relação à vida de um dado escalão, pode ser tomada fora do Conselho respectivo.
- O responsável do Conselho é responsável pelas decisões tomadas e pela sua respectiva aplicação.
- A regra do Conselho é a Lei Escutista; Confiança, Lealdade, Fraternalidade e Alegria Escutista regem cada intervenção.

O Conselho de Chefes é o meio privilegiado de educar os jovens Chefes na reflexão e na tomada de decisão no quadro do seu serviço.

Esta Pedagogia dos Conselhos conduz também a vida das Unidades e é o ambiente privilegiado para a educação dos jovens:

- A Rocha do Conselho;
 - O Conselho de Chefes e a Corte de Honra;
 - O Conselho de Equipa, Fogo ou Clã.
- em terceiro lugar, a autoridade conferida só deve ser usada para cada um assumir as suas responsabilidades e não para valorizar e satisfazer o ego.

Sendo uma escola de respeito, o Escutismo pratica o Princípio da Subsidiaridade. Cabe assim ao primeiro escalão possível, isto é, ao próprio jovem, a responsabilidade das acções que é capaz de assumir. Na aplicação deste princípio, o Escutismo convida cada responsável a “servir os escalões subordinados e, em alguns casos, a substituí-los na tarefa que lhes foi confiada”¹².

A delegação de autoridade a Adjuntos ou a Assistentes deve ser praticada, sempre que possível, pelo responsável hierárquico, que não se demite por isso da sua responsabilidade: ele permanece como um eventual recurso para os seus subordinados, e reserva o direito e o dever de controlo.

Em caso de necessidade, a função, quando desprovida de titular, é assegurada pelo escalão superior.

3.1.3 ORGANIZAÇÃO

O nosso Movimento Escutista está organizado do seguinte modo:

- **Nacional**
 - O Conselho de Administração, eleito pela Assembleia Geral, dirige e rege a Associação. O Presidente Nacional representa a Associação junto das autoridades civis e religiosas e assegura a conformidade da vida do Movimento com os estatutos e o regulamento interno controlando a sua aplicação.
 - Cada Sector (Feminino ou Masculino) é dirigido por um Comissário Geral assistido pela sua Equipa. Os Comissários Gerais conduzem as grandes orientações pedagógicas, as escolhas essenciais do Movimento e são responsáveis pela formação.
 - Por delegação dos Comissários Gerais, os Comissários Nacionais de cada Ramo (Caminheirismo, Guidismo-Mais-Velho, Escutismo, Guidismo, Lobitismo) dirigem as orientações definidas e animam a pedagogia do respectivo ramo e a formação facultada nos Campos-Escola (1º, 2º e 3º graus).

¹² Regulamento Interno art.º 7.

- **Província**

- Os Comissários de Província, dos Sectores Masculino e Feminino, auxiliados pelos Assistentes do Comissário de Província para cada Ramo (Lobitismo, Escutismo, Guidismo, Caminheirismo ou Guidismo-Mais-Velho), asseguram o desenvolvimento da Associação e disponibilizam os meios necessários para garantir a formação de Chefes; a um nível local representam o Movimento junto das autoridades civis e religiosas (região, diocese).
- Cada Comissário de Província, do Sector Feminino ou Masculino, anima o seu próprio sector.

- **Distrito**

- Os Comissários de Distrito, dos Sectores Feminino ou Masculino, auxiliados pelas suas equipas respectivas, têm por missão a animação e o acompanhamento do Escutismo local praticado em cada Grupo.
- O Assistente do Comissário de Distrito (ACD) de cada Ramo, por delegação do Comissário de Distrito e do Chefe de Grupo, aconselha e apoia os Chefes de Unidade na aplicação da pedagogia escutista. Representa a competência pedagógica de proximidade, particularmente destinada a ajudar os novos Chefes.
- O Assistente dá a sua opinião pedagógica sobre os programas do ano e de campo e as escolhas dos Chefes de Unidade. Os Assistentes do Comissário de Distrito devem informar os Chefes de Grupo e os Comissários de Distrito das suas intervenções junto das Unidades.
- A Chefe de Fogo Piloto ou o Chefe de Clã Piloto dirige a Unidade agrupando o nosso 3º ramo de idade. Esta Unidade é geralmente constituída a nível de Distrito ou Província.
- O Comissário de Distrito anima o Fogo ou o Clã Interchefia composto por todos os Chefes de Grupo e os responsáveis de Unidades e seus assistentes.
- Como acontece com a Província, uma equipa administrativa (tesoureiro, secretário, etc.) assegura as tarefas independentes da pedagogia.

Para cada um destes escalões, os assistentes pedagógicos são escolhidos de acordo com o Comissário Nacional do respectivo ramo. Não se pode impor a um responsável os seus assistentes. Antes pelo contrário, um responsável tem de rodear-se de assistentes cuja competência deve ser certificada pelos Comissários Nacionais.

- **Grupo**

- Interlocutores privilegiados dos pais, os Chefes de Grupo são educadores; eles são a garantia do método praticado pelas Unidades do seu Grupo. Como adultos mais próximos dos jovens, devem ser para eles a imagem viva do ideal escutista¹³.
- Vigiam a formação dos seus Chefes de Unidade, têm um olhar adulto sobre a organização das actividades e asseguram-se da segurança moral e física das crianças e do cumprimento do regulamento.

Em cada nível da estrutura já descrita, as equipas femininas e masculinas trabalham em estreita colaboração e têm o dever de chegarem a acordo uns com os outros.

Cada nível da hierarquia detém autoridade para organizar as actividades no seu escalão (obviamente que dentro dos limites legais e pedagógicos).

Todos os Chefes recebem o seu mandato dos Comissários Gerais, por proposta dos escalões intermédios.

A harmonia deste sistema de responsabilidade é necessária e depende:

- do bom conhecimento e respeito dos papéis e responsabilidades de cada um;
- da qualidade do diálogo entre todos (pedagogia dos Conselhos - escutar atentamente - lealdade e confiança - bom senso);
- de uma justa visão comum da missão de educadores que nos é confiada.

3.1.4 UNIFORME

Dentro da AGEEP, usamos um vestuário, igual para todos, que está descrito no Cerimonial do nosso Movimento. É esta homogeneidade do vestuário que nos permite falar de uniforme.

O uso de um uniforme não é exclusividade das Guias e Escuteiros da Europa, numerosas associações ou organizações usam uniforme. Outros movimentos escutista estão ligados a esta prática (note-se o carácter universal do uniforme escutista).

O recurso ao uso de uniforme não é casual, mas sim resultado de um certo número de considerações pedagógicas:

- Reconhecer-se e fazer-se reconhecer como membro de uma comunidade, da qual nos orgulhamos e que partilha um mesmo ideal: a comunidade escutista e mais especificamente a das Guias e Escuteiros da Europa (o efeito de grupo e o espírito de equipa que fazem parte da natureza humana e que são um dos traços do Escutismo).
- Identificar-se pelo código oficial das insígnias: região - grupo ou localidade - função - competência.

¹³ “Aquele que tem por tarefa fazer viver aos outros um ideal como o nosso, deve ser dele uma imagem viva” (Cerimónia da Investidura de Chefe)

- Esbater as diferenças sociais (o Escutismo é na sua essência um Movimento de educação popular).
- Estar adaptado à prática do jogo escutista (sólido - pouco sujo - cómodo - discreto).

Estas considerações têm como consequência:

- Que o uniforme, sendo propriedade de todos, deve ser respeitado por cada um. Se alguém o modificar (retirando ou acrescentando algo) para afirmar uma particularidade ou a sua individualidade está a trair a comunidade. Nas instituições públicas, civis ou militares, tal acto é proibido e pode ser motivo de sanções. Nós não temos a mesma vocação que elas nem um arsenal diversificado de sanções. A nossa única arma contra esta falta é a censura fraternal e a confiança na lealdade de cada um, numa disciplina aceite livremente.
- Que as Guias e Escuteiros da Europa não podem usar o seu uniforme a não ser em actividades organizadas pelo Movimento. Esta regra simples, de bom senso, não pode escandalizar ninguém, excepto os que utilizariam o seu uniforme para fins pessoais (fins que poderiam ser honrosos mas que não são necessariamente os do Movimento). Tal atitude pode levar à associação do Movimento a actividades nas quais ele não deseja participar. Trair esta ordem é símbolo de deslealdade e falta de confiança. A hierarquia será culpada se não zelar pelo seu respeito.
- Que se o princípio do uniforme deve ser respeitado seriamente, não se deve contudo fazer uma ideia definitivamente estabelecida (imaginem o ridículo em que cairíamos com tal atitude, se corrêssemos os bosques com as nossas perucas empoadas, se houvesse escuteiros no tempo do Marquês de Pombal). Neste aspecto já houve evoluções. Novas alterações não poderão ocorrer senão por motivos pedagógicos e respeitando os estatutos da Associação portuguesa e os da nossa União Internacional, e não sobre pressão mediática ou para ceder aos caprichos da moda.

3.1.5 CERIMONIAL

Tal como o uniforme, é um elemento importante que cimenta a nossa unidade. Deve ser conhecido, aplicado e respeitado, já que é simples e belo.

O Cerimonial é um meio educativo e não um fim em si mesmo. Foi inicialmente concebido para os jovens cujas estruturas mentais não estavam ainda estabelecidas. O Cerimonial marca e acompanha as etapas importantes da vida escutista da criança, que tem frequentemente dificuldade em se posicionar num mundo onde há falta de referências claras e que se lhe adaptem. Um pequeno livro agrupa todos os nossos costumes e fixa o desenvolvimento das nossas cerimónias. É importante, para a compreensão da criança, que este ritmo e estas referências não sejam modificadas conforme as interpretações de cada um.

Desrespeitar esta regra rígida de observação, ou contorná-la, é uma atitude desleal. As cerimónias organizadas sem apurmo, ou com um rigor extremo, são atitudes que

desprestigiam ou ridicularizam o Movimento. Estes excessos são contra as nossas tradições e pouco educativos. Os Chefes e Comissários devem exercer a sua autoridade no caso de haver “fantasias” e intervir, de “Cerimonial na mão”, num processo que deve ser fraternal e pedagógica, mas também firme.

3.1.6 SEGURANÇA

A segurança que devemos dar aos pais é uma das principais preocupações dos responsáveis do Movimento. Mas é preciso ser-se realista: como toda a actividade humana, o Escutismo tem os seus riscos que é preciso conhecer para melhor minimizar os efeitos.

Estes riscos estão ligados a dois factores incontornáveis na medida em que são parte integrante do nosso método escutista:

- a vida na natureza em condições precárias,
- as responsabilidades, ainda que controladas, mas reais e directas dadas aos jovens.

Para minimizar estes riscos, reduzindo-os ao imprevisível, é preciso:

Conhecer os regulamentos em vigor e as regras de segurança.

Temos disponíveis diversas publicações sobre o assunto.

Ter Chefes bem formados

Esta formação é garantida, no plano do espírito escutista, pelo método e técnica dos Campos-Escola nos quais a competência do nosso Movimento é incontestável. Estes Campos-Escola, adequados a cada ramo, implicam três graus de progressão:

- o primeiro grau visa formar os Assistentes de Unidades
- o segundo grau, os Chefes de Unidades,
- o terceiro grau, os formadores e responsáveis pedagógicos.

Os Campos-Escola são dirigidos por responsáveis chamados Mestres de Campo, todos titulares do terceiro grau de formação.

Esta formação específica é organizada pela nossa associação. Entregamos assim os nossos próprios diplomas de formação sob a nossa responsabilidade; estes permitem o enquadramento das crianças e jovens no interior da nossa associação.

Os Chefes que organizem actividades específicas (mar, rio, montanha) devem possuir as qualificações previstas pela regulamentação em vigor. Contudo, defendemos que as qualificações unicamente desportivas não estão adaptadas à pedagogia escutista e à prática de Escutismo especializado, e que podem mesmo ser perigosas se não tiverem em conta a especificidade do Escutismo. É preciso igualmente conduzir os nossos jovens responsáveis de Unidades à maturidade, visto que as responsabilidades que eles assumem face a Deus e aos homens são indiscutivelmente responsabilidades adultas.

A Interchefia (reunião de todos os Chefes de uma Unidade, Distrito ou Província) é o espaço onde se deve efectuar esta formação e esta tomada de consciência. É preciso que os responsáveis adultos (Chefes de Grupo e Comissários) considerem este aspecto da sua missão prioritário. No caso de inadaptação do Chefe à sua tarefa é da responsabilidade da Interchefia avaliar a situação, não em função da amizade que se tenha para com os jovens Chefes, mas em função das responsabilidades que lhes são confiadas e das capacidades destes para as assumir.

A formação de adultos responsáveis é igualmente necessária. O bom conhecimento do jovem, dos problemas do jovem na sociedade, do contributo da pedagogia escutista, do papel do adulto nesta pedagogia e os regulamentos em vigor, são absolutamente necessários. A boa vontade de “pais dedicados” não é o suficiente. É obrigatório que todos participem nas sessões de formação que são propostas. O primeiro Grau dirige-se aos Chefes de Grupo, o segundo aos Comissários.

Exercer um controlo preciso e rigoroso das actividades

As actividades das Unidades são organizadas pelos Chefes de Unidade. Mas devem ser controladas pelos Chefes de Grupo e Comissários que têm a responsabilidade moral e jurídica: são assistidos, para este efeito, pelos seus assistentes.

Actividades durante o ano

O controlo de proximidade deve ser exercido em todas as actividades que decorram durante o ano e particularmente nas de fim-de-semana e pequenos campos que não necessitam de autorização escrita, nas explorações, nos Raides (Longas Pistas e Raides de Classe). O controlo destas actividades é importante por ser o único a ser exercido. Não se trata-se de incomodar o jogo com uma presença intempestiva, mas de conhecer e vigiar o desenvolvimento das suas diferentes etapas, nomeadamente:

- Conceção
- Preparação
- Execução
- Análise e conclusão

Campo de Verão

Constitui o encerramento do ano escutista.

A Preparação

A preparação do campo é feita pelo Chefe de Campo e seus Assistentes. No Escutismo, os Chefes de Patrulha estão associados a esta preparação. É materializada por um documento, o dossier de campo. Este documento comporta uma parte de identificação e uma parte de ordem pedagógica. É supervisionado pela autoridade hierárquica e pedagógica, que dá os seus conselhos e as suas recomendações, e que, se for necessário, determina uma interdição parcial ou total da actividade.

A Autorização de Campo

Com antecedência deve ser entregue, no Comissariado Nacional da Associação das Guias e Escuteiros da Europa - Portugal, um pedido de Autorização de Campo.

O organizador (Chefe de Campo) é o Chefe de Unidade.

O responsável é o Chefe de Grupo.

A qualidade de Chefe de Campo é atestada pela Licença de Chefe de Campo atribuída pelos Comissários Gerais, depois de uma avaliação feita pela hierarquia (apreciação geral: maturidade, moral, capacidade, espírito escutista) e baseada no controlo contínuo e assiduidade na formação, e a opinião dos respectivos Comissários Gerais (apreciação pedagógica tendo essencialmente em conta a avaliação dos Mestres de Campos-Escola).

As Autorizações de Campo da AGEEP são dadas pelos Comissários de Distrito ou de Província nomeados, depois de uma avaliação pedagógica feita pelos seus assistentes ou por um especialista designado pelos Comissários Nacionais. Da decisão assumem plena responsabilidade.

Controlo das Actividades

Os campos podem ser objecto de visitas de um membro habilitado da hierarquia local (ou nacional, se necessário), que fará as observações necessárias sobre a apresentação do campo e redigirá um relatório que será enviado à hierarquia. A organização destas visitas de campo é da responsabilidade do Comissário da Província onde se realiza o acampamento.

3.1.7 COMPORTAMENTOS INADMISSÍVEIS

Se o Escutismo é uma escola de carácter e um espaço de liberdade, não se pode tornar num espaço onde se exprimem individualismos desprezando as regras comuns e as ordens dadas. Porém, podem surgir, no seio da nossa organização, práticas marginais que nós proibimos e que são contrárias à pedagogia escutista ou às obrigações legais. Reiteramos aqui, solenemente, estas interdições, particularmente nos seguintes casos:

A prática de “cerimónias” de totemismo e praxes: devido aos riscos que derivam de cerimónias de totemismo (brutalidade - humilhação - paganismo - segredo), e mesmo sendo raras estas práticas extremas, o Movimento proíbe-as desde sempre. A todos os que, adultos ou não, defendam esta práticas em nome da tradição, é preciso lembrar que esse tipo de “jogo” não é fundamentalmente essencial à prática da nossa pedagogia e em vários aspectos, contradiz os valores do nosso Escutismo. Por outro lado, possui potencialidades perigosas, quer física quer moralmente, suficientemente importantes para que o não autorizemos e, também para proteger os participantes destas cerimónias de possíveis sanções penais. É importante levar os adultos que apoiem esta práticas, incluindo os pais, a tomarem consciência deste problema.

A constituição de redes ocultas: as associações de Escutismo são por vezes alvo de grupos, mais ou menos secretos, que pretendem desenvolver-se a partir deste Movimento. Sob o pretexto do jogo, do segredo, do romantismo, da afirmação de uma convicção, da defesa exacerbada de uma tradição, demonstram, sobretudo, fraqueza de carácter e falta de discernimento. Este fenómeno pode amplificar-se naturalmente em períodos de crise.

Ainda que estes fenómenos atípicos sejam bastante marginais, não podemos, enquanto responsáveis por jovens, tolerá-los. São portas abertas, não controladas, que podem servir de entrada a desvios graves e sectários. Que seja bem entendido que pertencer ou incentivar tais grupos só pode ser considerado como prova de grande deslealdade e contrária ao método original de B-P, à sua prática e ao seu espírito.

O jogo escutista é suficientemente rico, para quem o desejar levar a sério, e por isso não é necessário adicionar-lhe tais práticas duvidosas.

3.1.8 AGRESSÕES, PEDOFILIA, PREVARICAÇÃO

Estas situações referem-se ao domínio da moral humana e da honestidade.

Posição do Movimento

- Em situações deste tipo (se os factos forem confirmados) a posição é óbvia: o Movimento não pode tolerar tal acto. A dificuldade não reside na decisão mas sim na acção, sempre desagradável, de mostrar às pessoas que elas falharam na sua honra e atentaram contra a segurança moral e/ou física do outro.
- No que diz respeito, mais precisamente, a casos de agressão física ou sexual cujas vítimas são menores de idade, devem ser comunicados à justiça. A apreciação destas situações raras é muito delicada e necessita de se apoiar na opinião e conselho dos responsáveis da hierarquia. Os quadros do Movimento, tal como os pais, devem contactar o Comissariado Nacional que os orientará para quem os possa aconselhar. Os pais devem estar informados dos passos efectuados.

3.1.9 SITUAÇÕES DELICADAS

Referem-se a situações de vida em desacordo com os princípios da Igreja, tais como desordens matrimoniais e adultério.

Na prática, os responsáveis adultos raramente são confrontados com situações difíceis.

Mas caso isto aconteça, devem intervir enquanto educadores, por mais que lhes custe.

Não se trata de definir protocolos gerais de acção pois cada caso deve ser abordado de um modo particular. Para ajudar os Chefes, parece-nos contudo útil apresentar as posições do Movimento e algumas regras gerais de conduta.

Posição do Movimento

- Neste caso, é ao nível da decisão a tomar que a situação se torna delicada. O Movimento, por ser católico, tem como seus princípios básicos os da Igreja. Tal como Ela, devemos ter em conta casos particulares. Por exemplo, não se pode abordar um caso de divorciados que reconstituíram, ao longo dos anos, uma vida familiar exemplar, sendo discretos quanto ao seu passado doloroso e que “caminham” com e “em” Igreja, do mesmo modo que se aborda o caso de Chefes que, por motivos de comodidade, vivem provisoriamente juntos e se vangloriam ostensivamente do feito.
- Dito isto, se cada um deve poder ajudar segundo as necessidades, as suas disponibilidades e competências, as responsabilidades pedagógicas apenas devem ser confiadas a mulheres e homens cuja situação de vida está e se mantenha de acordo com os preceitos da Igreja¹⁴.

3.1.10 ALGUMAS REGRAS GERAIS

- Verificar bem as fontes de informação, sendo discreto durante a investigação. É preciso saber manter o seu sangue frio e o seu livre arbítrio. Recusar entrar num jogo de mexericos.
- Para a sua reflexão e decisão, o responsável deve procurar auxílio em alguém, não forçosamente escuteiro mas bem reputado pela sua sabedoria e discrição (pensar particularmente em padres que têm bastante experiência destes casos difíceis).
- Ser caridoso: nós não somos juizes e muito menos carrascos.
- Colocar-se no ângulo do educador tentando avaliar o impacto da situação nas crianças e jovens que nos foram confiados.
- Não deixar deteriorar uma situação.
- Ser firme na decisão, directo e franco (o que não significa ser bruto) na sua transmissão.

3.2 LUGAR DOS PAIS NO NOSSO MOVIMENTO

Os pais confiam no Movimento ao confiar-lhe a sua criança; mas o Movimento necessita do seu apoio e presença ao longo de toda a vida escutista.

3.2.1 OS PAIS E A VIDA DAS UNIDADES

Os pais devem estar regularmente associados à vida das Unidades na qual estão inscritos os seus filhos: as reuniões regulares de pais permitem conhecer os Chefes, serem informados dos projectos de actividades, darem a conhecer a sua opinião sobre o funcionamento da Unidade e oferecer os seus serviços num plano material e logístico, em função da sua disponibilidade.

¹⁴ “Aquele que tem a tarefa fazer viver aos outros um ideal como o nosso, deve ser dele uma imagem viva” (Cerimonial de Investidura).

Esta ajuda, em si, é preciosa mas também é sinal de adesão ao Movimento e amizade pelos Chefes. Os pais não devem, no entanto, interferir no funcionamento pedagógico das Unidades.

As festas de Grupo são momentos de encontro e contribuem para criar um ambiente de amizade entre Chefes e pais e entre os próprios pais.

Nos Grupos podem criar-se “Associações de Pais e Amigos do Escutismo Europeu”. Ainda que estas associações sejam independentes do Movimento, a sua existência apoia o Movimento a um nível local.

Funcionam segundo estatutos-tipo, a definir a nível nacional, que prevejam que:

- a associação tenha por objectivo dar apoio moral e material às Guias e Escuteiros da Europa de um grupo ou localidade;
- os pais ou amigos, que dela façam parte, estejam necessariamente de acordo com a proposta educativa e os Textos Fundamentais do Movimento;
- a associação se comprometa formalmente a não intervir em caso algum e de forma alguma no funcionamento das Unidades ou Grupos; ela não possa ser considerada como porta-voz do Movimento e não tenha nenhuma prerrogativa para o representar em qualquer ocasião que seja;
- O Chefe de Grupo ou o Comissário de Distrito seja o vice-presidente por direito; os Chefes e Assistentes, bem como os conselheiros religiosos em actividade, sejam igualmente membros por direito.

3.2.2 OS PAIS E A PROGRESSÃO DAS CRIANÇAS

Os contactos pessoais entre os Chefes e os pais são necessários para informar da progressão de cada criança. Uma boa comunicação é indispensável para que o Escutismo produza plenamente frutos na vida de cada uma. Acontece com alguma frequência, nomeadamente na adolescência, o jovem desabafar na sua patrulha quando tem dificuldades com a família. Os pais devem apoiar-se inteiramente no Escutismo como espaço de manifestação da criança, e por isso, devem facilitar a sua participação nas actividades.

3.3 LUGAR DO CLERO NO NOSSO MOVIMENTO

A AGEEP é uma associação de leigos que tem por finalidade a educação humana e cristã de rapazes e raparigas. É-lhe indispensável, para atingir este objectivo, beneficiar do apoio de padres para animar, em colaboração com os Chefes, a vida espiritual e litúrgica das Unidades.

Os Conselheiros Religiosos (CR) são os sacerdotes que aceitam uma tal função junto das Unidades e equipas de Chefes. Fazem parte integrante da chefia e são convidados para todas as reuniões desta; o programa de actividades é estabelecido em comum com

eles, para facilitar a sua participação. O Conselheiro Religioso é escolhido pelo Chefe de Grupo de acordo com o Comissário de Distrito.

Os Conselheiros Religiosos devem esforçar-se por conhecer os Textos Fundamentais, o Cerimonial e aprofundar o seu conhecimento do método escutista, de modo a ter em conta, na sua pastoral, especificidades do Escutismo e Guidismo praticados pelas Guias e Escuteiros da Europa. Eles não substituem, contudo, os Chefes leigos. O que importa antes de mais, é que uma verdadeira relação de confiança e colaboração fraterna se instaure entre o Conselheiro Religioso e a chefia da Unidade.

Os Conselheiros Religiosos exercem a sua função junto de uma chefia de Unidade ou de equipa de um escalão territorial, sem nenhuma subordinação hierárquica entre eles. A implantação de grupos nas paróquias é sempre desejável. Neste caso, recomenda-se, sempre que possível, pedir ao curado da paróquia ou a um dos seus vigários para exercer esta função.

4. A NOSSA RELAÇÃO COM O MUNDO

Abertura e Lucidez

Um movimento de Guidismo e de Escutismo que se não abraça ao mundo, tendo essa possibilidade, falharia na sua missão. Esta tarefa não é fácil, num mundo fechado em si mesmo, e pouco acolhedor do natural.

4.1 ESCUTISMO E SOCIEDADE

O fundador do Escutismo¹⁵ desenvolveu o seu Movimento precisamente com o objectivo de ajudar a juventude, principalmente a que tinha mais dificuldades. Se nos referimos directamente a ele devido ao método, seria desonesto não ter em conta a finalidade que o motivou.

O nosso Movimento já terminou o seu tempo de fundação e construção. Agora é adulto e sólido. O seu objectivo não é só manter e preservar o método escutista; porque crê na sua riqueza, na sua modernidade e na sua pertinência, o Movimento tem o dever de propor o método escutista aos jovens de hoje. O Escutismo é uma oportunidade para os jovens. O Movimento multiplicará os contactos e iniciativas para dar a conhecer a sua proposta educativa específica.

O Movimento considera que pode prestar serviço para além da sua missão educativa. Não mais reivindicamos apenas a tradição; nós devemos orientarmo-nos para o todo social em nome do politicamente correcto. Se nos abrimos ao mundo que nos rodeia é com a nossa personalidade e com a vontade de ir ao encontro do Homem no nosso

¹⁵ B-P: Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, Lord of Gilwell (22-02-1857 / 08-01-1941)

domínio de competência, e não (porque não é essa a nossa vocação) para pôr ordem nos sistemas sociais ou propor projectos alternativos de sociedade.

Baden-Powell definiria o Escutismo como “o civismo na escola das florestas”. Pelas suas actividades, o Escutismo ensina aos jovens a se tornarem cidadãos do amanhã e a serem capazes de assumir responsabilidades. Desde a infância à adolescência, desperta os jovens para as necessidades da sociedade e fá-los descobrir que podem desempenhar um papel concreto e útil. É o sentido dos diferentes “serviços” organizados no quadro das actividades, e dos quais apresentamos alguns exemplos: animações à tarde e à noite em casas de retiro ou em hospitais infantis, peditórios para os leprosos, limpeza de ribeiras, e mais recentemente, limpeza de praias depois das marés negras, operações de repovoamento florestal. O serviço aos outros está no seio da vida escutista.

4.1.1 ESCUTISMO E DEFICIENTES FÍSICOS SÃO COMPATÍVEIS

É possível propor o jogo escutista a muitos jovens deficientes, mediante algumas adaptações, e assim oferecer a estes rapazes e raparigas a oportunidade de também eles participarem plenamente, e ao seu nível, na aventura. Encontram aí, frequentemente, um desenvolvimento considerável.

Se a generosidade e o entusiasmo são necessários, não são contudo o suficiente. O desenvolvimento do acolhimento de jovens deficientes requer meios apropriados, e por vezes uma formação especial. O acolhimento de deficientes é sempre uma oportunidade para abrir o coração e educar para a diferença. Aquele que é acolhido constrói ele próprio o jovem de que não ousaria aproximar-se, simplesmente por não saber como abordar o outro. Aquilo que à primeira vista parece um obstáculo é rapidamente ultrapassado pela criança encorajada nesta caminhada.

4.2 RELAÇÕES COM OS OUTROS MOVIMENTOS DE ESCUTISMO

4.2.1 SITUAÇÃO ACTUAL

AGEEP, AEP, AGP e CNE

Presentemente, existem em Portugal três tipos de Associações:

- A Associação das Guias e Escuteiros da Europa – Portugal (AGEEP), membro reconhecido da União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa (UIGSE);
- A Federação Escotista de Portugal (FEP), membro reconhecido da Organização Mundial do Movimento Escutista (WOSM), e da qual fazem parte a Associação dos Escoteiros de Portugal (AEP) e o Corpo Nacional de Escutas (CNE);
- A Associação das Guias de Portugal (AGP), membro reconhecido da Organização Mundial das Guias e Escuteiras (WAGGGS);
- Existem ainda algumas pequenas associações locais que se dizem escutistas.

4.2.2 ESTADO DE ESPÍRITO DA AGEEP FACE A ESTES MOVIMENTOS

Três grandes princípios orientam a nossa política nesta questão:

- Vontade de manter e respeitar a diversidade de associações, garantia da liberdade de escolha educativa para os pais.
- Vontade de construir uma verdadeira fraternidade a partir desta diversidade.
- Mas vigilantes quanto a dois perigos:
 - Tentação de hegemonia de um Movimento que impor a todos a sua maneira de viver o Escutismo, ainda que fosse em nome de uma organização, de um apoio do Estado ou internacional.
 - Activismo infiltrante de pequenas associações, geralmente provenientes de dissidências, que apelam à universalidade da fraternidade escutista (o escuteiro é irmão de todos os outros escuteiros...) para proteger o seu individualismo profundo baseado frequentemente na presença de um Chefe fundador carismático e venerado, e não numa exigência pedagógica.

4.2.3 LINHAS DE ACÇÃO DA AGEEP

4.2.3.1 RELAÇÃO ENTRE MOVIMENTOS

A AGEEP trabalha no sentido de:

- Promover um certo número de acções e de reflexões comuns às outras associações que, ainda que tenham a sua especificidade, têm evidentemente preocupações comuns.
- Activar estruturas necessárias para um encontro entre os responsáveis de associações de Escutismo.
- Preservar a liberdade de acção de cada associação e não interferir nos assuntos internos de cada uma: nem ao nível de chefias, nem no terreno. Esta “política” não será eficaz se não houver reciprocidade.

4.2.3.2 RELAÇÃO ENTRE JOVENS DOS VÁRIOS MOVIMENTOS

A AGEEP encoraja o encontro de jovens no terreno como ocasião de festa de fraternidade: jogos, veladas, serviços, mas é preciso que isto aconteça:

- seja na espontaneidade da juventude e do acaso dos encontros,
- seja numa actividade mais organizada, dentro da lealdade recíproca entre as hierarquias dos Movimentos.

Neste último caso é desejável que a actividade seja decidida e se desenvolva a níveis semelhantes (Unidades, Grupos, Departamentos...) e que as hierarquias dos Movimentos estejam prevenidas e de acordo. Na nossa associação os Chefes e Comissários têm poder para autorizar ou não autorizar uma actividade comum se certas regras de convergência de interesse pedagógico, de respeito mútuo, de boa conduta e de segurança não forem garantidas.

4.2.4 ESCUTISMO INTERNACIONAL

4.2.4.1 SITUAÇÃO ACTUAL

A AGEEP não faz parte da Federação Escotista de Portugal.

A Organização Mundial do Movimento Escotista não pode reconhecer mais do que uma associação ou federação por país, que no caso de Portugal é a federação já citada.

Em contrapartida a AGEEP é membro de direito da União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa (UIGSE). Esta União encontra-se espalhada por mais de uma quinzena de países da Europa. Para lá das fronteiras, propõe um mesmo Escutismo e organiza diferentes actividades de âmbito internacional: encontros, geminações, acampamentos europeus, Eurojam, etc....

A UIGSE está reconhecida como Organização Não Governamental (ONG) pelo Conselho da Europa, com estatuto consultivo, participando activamente através dos seus representantes nos trabalhos deste organismo no que diz respeito à juventude ou à família, e está reconhecida como Associação Internacional Privada de Fiéis de Direito Pontifício pelo Vaticano.

4.2.4.2 POSIÇÃO DO MOVIMENTO

- A nossa Associação reconhece a importância da dimensão internacional do Escutismo.
- Está profundamente ligada à UIGSE por laços fundamentais que nos unem numa mesma comunidade de ideal, de fé e de pedagogia.
- Concorde com os princípios fundamentais do Escutismo Mundial tal como estão definidos pela constituição e regulamento adicional de Julho de 1983 (Capítulo 1, art. 1, 2 e 3) da Organização Mundial do Movimento Escotista (WOSM), segundo o método escotista original que ela utiliza (educação diferenciada, três ramos de idade com a prática do sistema de patrulhas...).
- A dimensão espiritual e a ligação a uma religião não constituem causas de incompatibilidade: antes pelo contrário, são parte integrante da constituição da WOSM. Apenas uma visão errada da laicidade (considerada como oposta ou indiferente a toda a religião e não como aceitando todas as religiões) permite julgar “incompatível” a nossa vontade de referência explícita a uma dimensão cristã do Escutismo.

4.3 A AGEEP NA IGREJA

4.3.1 SITUAÇÃO ACTUAL

A Igreja em Portugal tem demonstrado uma certa prudência em relação às Guias e Escuteiros da Europa, com alguns padres a manifestarem um apoio incondicional ao Movimento, embora outros mostrem ainda uma certa hostilidade para com a AGEEP.

A clarificação da situação portuguesa no aspecto religioso, com uma afirmação clara da nossa condição de Católicos, bem como o trabalho realizado junto das paróquias e de alguns Santuários, trouxe os contactos com alguns Bispos no sentido de melhor conhecerem os nossos ideais, métodos e objectivos.

4.3.2 POSIÇÃO DO MOVIMENTO

A AGEEP é uma associação dirigida por leigos responsáveis pela pedagogia que compreende também a pedagogia da fé.

A sua missão na Igreja é de participar na educação pelo método escutista e numa perspectiva cristã de jovens que estarão aptos a assumir as missões de evangelização desejadas pela Igreja.

A AGEEP felicita-se pela aproximação entre o Movimento e a Igreja e fará tudo o que estiver ao seu alcance para que estes laços permaneçam e se aprofundem.

As escolhas litúrgicas são ditadas por argumentos pedagógicos e, muitas das vezes não respeitam as considerações da liturgia que não são do nosso interesse.

Consequentemente, a AGEEP declara praticar e referir-se ao rito actualmente em uso na Igreja Católica latina (Missa dita por Paulo VI - Missal de 1969)

4.4 AS GUIAS E ESCUTEIROS DA EUROPA E O ESTADO

4.4.1 SITUAÇÃO ACTUAL

A nossa constante preocupação educativa, a importância que damos à formação dos nossos Chefes, os controlos de segurança que exercemos testemunham a importância que damos à nossa qualidade de Associação.

4.4.2 POSIÇÃO DO MOVIMENTO

Entendemos que o trabalho que realizamos com diferentes Organismos Estatais deve continuar e desejamos tornarmo-nos um interlocutor mais presente na proposta e no controlo dos regulamentos administrativos que são da responsabilidade da Secretaria de Estado da Juventude. É muito desejável que esta presença das Guias e Escuteiros da Europa se faça sentir junto de outros Organismos e a outros níveis para além da Secretaria de Estado. Uma estrutura de delegados administrativos que inclui os Delegados Regionais sob a direcção de um Delegado Nacional está em prática na nossa Associação.

Tal política permite-nos reafirmar a posição da associação sobre algumas questões essenciais, como:

- Garantir que os regulamentos administrativos não destruam o jogo escutista sob o pretexto de segurança, por um enquadramento excessivo e esterilizante. Isto subentende que é preciso admitir uma mudança de espírito que não seja ditada pela ilusão de risco zero, mas pela justa avaliação do risco real inerente ao Escutismo (como toda a actividade humana). Apenas tomamos medidas de segurança a partir do conhecimento dos riscos. A seriedade dos regulamentos internos que colocamos à disposição dos nossos Chefes faz de nós interlocutores competentes no assunto.
- Somos favoráveis à criação de um Conselho Nacional Técnico do Escutismo, espécie de comissão permanente encarregue da reflexão sobre a regulamentação, onde queremos ter o nosso lugar.
- Receber, enquanto associação de educação popular, subsídios adequados aos resultados da missão que assumimos junto da juventude do nosso país; num estado realmente laico, o facto de uma associação praticar uma religião não serve de argumento para não se atribuir uma ajuda financeira. Os pais dos nossos jovens são cidadãos que também pagam impostos. A nossa associação tem um projecto educativo pertinente, os seus efectivos são consequentes e os nossos quadros são competentes.

4.5 AS GUIAS E ESCUTEIROS DA EUROPA E A POLÍTICA

Se definirmos a política como a participação na vida da cidade, é certo que um Movimento de educação como o nosso tem uma dimensão política. Contudo, a AGEEP proíbe toda a participação na vida política partidária como já demonstrou claramente em várias ocasiões. Recorda aos seus elementos que têm, sobre este assunto, obrigações de reserva. O texto que se segue esclarece a nossa posição:

As Guias e Escuteiros da Europa tem o direito e o dever, enquanto cristãos e cidadãos, de se interessarem pela vida política. Contudo, enquanto Movimento de educação, a AGEEP não pode estar submetida a nenhum partido político e deve zelar pela integridade da sua independência absoluta.

Para este efeito, a associação deu orientações rigorosas a toda a hierarquia para garantir a protecção das suas listas de filiados, e proibir a divulgação, a quem quer que seja, independentemente dos motivos, dos nomes e moradas dos seus elementos, dos seus assinantes de revistas e dos seus assinantes do site da Internet da associação. Deste modo, os seus membros, e particularmente aqueles que exercem uma responsabilidade a qualquer nível, devem evitar tudo o que possa comprometer a associação num plano político.

Considerando o que foi dito anteriormente achamos prudente aconselhar qualquer pessoa, que exerça uma actividade dentro da associação a:

não aceitar responsabilidades políticas nem nas estruturas de um partido nem num mandato para que tenha sido eleito com o apoio de um partido.
não participar numa campanha eleitoral partidária.
não usar o Movimento no debate político, por exemplo como elemento de profissão de Fé, no âmbito de uma campanha, nem usar membros e estruturas do Movimento (isto aplica-se mesmo aos membros mais antigos em virtude da Lealdade Escutista).
informar a sua hierarquia no caso de ter exercido funções políticas antes de se juntar à associação.

5. CONCLUSÃO

Ao afirmar que o Escutismo é o civismo na escola das floresta, Baden-Powell sublinhou que a vida escutista na natureza levava a um compromisso ao serviço da cidade. A nossa Carta do Escutismo Europeu, no seu artigo 8, relembra a importância do Escutismo ligado à formação do “homem social: ensina o amor à pátria, o sentido da honra, da verdadeira fidelidade, o respeito pelo compromisso aceite, o gosto pelas responsabilidades cívicas no quadro das comunidades naturais”. O Escutismo conduz progressivamente à descoberta de uma concepção cristã da vida social, expressa na doutrina social da Igreja, que coloca em primeiro plano a dignidade de todo o homem.

A construção da Europa é uma outra dimensão do nosso Escutismo. Estamos convencidos que a redescoberta e a tomada de consciência das raízes espirituais comuns é uma oportunidade para construir a Europa de hoje. Os Escuteiros da Europa foram brilhantes percursos no relançamento da peregrinação a Santiago de Compostela em 1975... Não se trata de reconstruir a cristandade da Idade Média mas de comprometer cada jovem na participação da Nova Evangelização da Europa à qual nos chama João Paulo II. No nosso modesto lugar contribuimos para isso.

As Guias e Escuteiros da Europa, graças à sua experiência, enraizada na tradição escutista, e à qualidade pedagógica das suas equipas nacionais, providencia os meios para se viver a fundo todos os elementos deste método, harmonioso e equilibrado. Acreditamos na tradição escutista para desenvolver os seus alicerces mas isso não faz de nós pré-históricos. Em vários aspectos, novidades ou precisões enriqueceram este método (a redescoberta e prática dos Sistema de Patrulhas: os postos de acção¹⁶ nas patrulhas, o sistema de provas de classe com MIBP¹⁷ e TA¹⁸, Momentos Luz¹⁹ e hora do Caminho²⁰..

¹⁶ Responsabilidade(s) confiada(s) a cada rapariga e rapaz (ex.: socorrista, cozinheiro, etc. ...).

¹⁷ Mínimo Internacional Baden-Powell: nível técnico mínimo exigido a todos os elementos.

¹⁸ Teste de Adaptação: percurso técnico escolhido e adaptado em função da cada rapaz e rapariga.

¹⁹ Tempo de reflexão e meditação proposto aos mais velhos (estes momentos vivem-se em “solidão”).

²⁰ idem.

O método permanece, e o Movimento também. Este deve ter em conta o contexto social e cultural no qual vivem os jovens de hoje; adaptações ou evoluções foram, e serão ainda, indispensáveis para continuar a interessar os jovens no Escutismo. Todo o mérito consiste em não fazer nada que possa deturpar ou desvirtuar um método que continua pertinente e moderno, e é preciso, acima de tudo, esforçarmo-nos para o conhecer e aplicar o melhor possível. É esta a primeira missão de todo o Chefe. Afirmamos alto e bem forte que o Escutismo é uma oportunidade e uma riqueza para os jovens de hoje, para a nossa sociedade, para a Igreja. O nosso Movimento tem demonstrado a sua maturidade e contribui assim para construir o Escutismo do 3º milénio.

O Comissário Geral

Vítor Hugo Cristeta Almeida

A Presidente Nacional

Maria Fernanda Antunes de Carvalho Santos

6. ANEXO 1

HISTÓRICO DAS GUIAS E ESCUTEIROS DA EUROPA

É difícil resumir em poucas palavras a história de um Movimento tão original como o das Guias e Escuteiros da Europa. É preciso, sem os querer separar, tentar distinguir o plano nacional e o plano internacional. As Guias e Escuteiros da Europa são mais que uma associação ou uma federação, são uma união na qual a Portugal é uma peça importante nesta emergente comunidade escutista.

O TEMPO DAS INTUIÇÕES

Todos-os-Santos, 1956: em plena guerra fria, e ao sair de uma imensa catástrofe da qual foram testemunhas e por vezes vítimas, algumas dezenas de jovens cristãos alemães encontram-se em Colónia. São católicos, protestantes, e ortodoxos, sem mandatos das suas respectivas Igrejas e do movimento escutista internacional e querem fundar uma comunidade escutista internacional sob o nome de “Federação do Escutismo Europeu” (FSE)²¹, cujo “objectivo é praticar o Escutismo de Baden-Powell no quadro da ideia europeia e sobre as bases cristãs que postula a ideia da Europa Unida”.

Um ano mais tarde, no dia de Todos-os-Santos, em 1957, estes mesmos jovens reuniram-se, ainda em Colónia, para redigir um texto intitulado “Directório Religioso”²².

De 1958 a 1963, as Guias e Escuteiros da Europa desenvolvem-se na Alemanha, na Bélgica, em Inglaterra e em França. Em cada país, a FSE seria representada por uma associação nacional.

O estilo de Escutismo, adaptado pelo Padre Sevin para as associações católicas, é adoptado pelo conjunto das associações da FSE.

Os Conselhos Federais de 1961 e de 1962 fixaram as modalidades de educação diferenciada de rapazes e raparigas numa mesma associação nacional.

O TEMPO DE CRESCER

Em 1978 são feitos os primeiros contactos para a filiação de uma associação portuguesa na UIGSE e em Julho de 1979 são publicados no Diário da República os Estatutos da Associação das Guias e Escuteiros da Europa – Portugal.

Nos primeiros anos a AGEEP vai-se implementando por todo o país criando Unidades de ambos os sectores em vários distritos de Norte a Sul de Portugal.

²¹ Fédération du Scoutisme Européen - É interessante notar que esta expressão está em língua francesa mesmo no texto original, redigido em língua alemã.

²² Este texto constitui ainda a base do texto actual.

A CRISE DA JUVENTUDE

Em 1984, com a necessidade de dar um passo em frente na prática da pedagogia escutista/guidista, surge a primeira dissidência interna, apoiada pelo então Comissário Federal Pierre Géraud-Kéraod, que leva ao afastamento da AGEEP do seio da União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa.

Apesar da falta de apoio dos organismos internacionais da UIGSE, a Associação das Guias e Escuteiros da Europa – Portugal consegue manter-se fiel aos principais documentos da FSE, continuando a praticar o mesmo tipo de escutismo, seguindo a mesma metodologia da educação paralela e mantendo a mesma estrutura hierárquica e pedagógica.

O TEMPO DA MADUREZA

Em 1994, cerca de 10 anos volvidos, a AGEEP sente que tem capacidade para voltar a representar Portugal na UIGSE e recomeçam-se os contactos para que no nosso país haja uma só voz a defender o lema das Guias e Escuteiros da Europa.

A luta não é contra ninguém, mas apenas por um ideal comum de educação e de formação global dos jovens. As barreiras vão cedendo e sai vencedor o verdadeiro espírito escutista.

O TEMPO DE UM NOVO MILÉNIO

O ano 2000 trouxe as últimas batalhas. Em Portugal o Escutismo Europeu passa a ter uma única voz. Uniram-se todos os que acreditam na pedagogia da FSE. Juntaram-se todos os que defendem uma Europa unida pela mesma fé. Aliaram-se os que acreditam na fraternidade e na reconciliação.

No início de um novo século, a Associação das Guias e Escuteiros da Europa – Portugal prepara-se para participar, ao lado dos outros países que compõem a UIGSE, nas novas batalhas que o Escutismo/Guidismo Europeu vai continuar em defesa de uma verdadeira educação global dos jovens (corpo, carácter e alma).

EM CONCLUSÃO

O aumento do individualismo, a rarefacção do voluntariado, o enfraquecimento do mundo associativo não podem senão preocupar um Movimento como o nosso que não vive numa torre de marfim. O Escutismo é uma oportunidade dada aos jovens, então é preciso que se mantenha um Escutismo livre.

7. ANEXO 2

MODERNIDADE DO MÉTODO x OS 5 OBJECTIVOS DO ESCUTISMO

UM MOVIMENTO DE JOVENS E PARA OS JOVENS:

Para Baden-Powell, os rapazes têm a tendência para criarem um mundo seu, o “reino dos rapazes”, distinto do mundo dos adultos, tendo regras e referências próprias. Ao fornecer-lhes um ambiente de jogo e um método (o sistema de patrulhas), o Escutismo respondia a este desejo de espontaneidade.

Esta tendência acentuou-se durante o século XX. As sociedades ocidentais viram assim emergir a adolescência, não só como classe etária, mas também, desde os anos sessenta, como uma verdadeira classe social com uma cultura específica.

As crianças formam espontaneamente grupos distintos de rapazes e de raparigas. Uma das originalidades é existir uma só associação composta por duas secções; permitir aos jovens encontrarem-se entre eles e de fazer viver o seu próprio Movimento permanece uma intuição genial e moderna do Escutismo.

A PROCURA DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA PESSOA HUMANA

Baden-Powell atribui ao Escutismo cinco objectivos de formação: o carácter, a actividade manual, a saúde física e o desenvolvimento corporal, a felicidade (Baden-Powell, “Auxiliar do Chefe Escuteiro”: “*a felicidade. Como aproveitar as manifestações da vida que encontramos na natureza...*”), o serviço ao outro. B-P não negligenciou, contudo, a dimensão religiosa, desejando dar ao rapaz “*um cristianismo para a vida de todos os dias e não uma religião só de domingo*”.

Foi o padre Sevin que melhor o compreendeu e soube integrar a dimensão espiritual nos objectivos do Escutismo.

É esta dupla herança que querem assumir as Guias e Escuteiros da Europa, visto que afirmamos procurar o desenvolvimento integral da pessoa humana e a sua unidade de vida.

Esta afirmação leva a considerar os cinco objectivos do Escutismo como indissociáveis. Mesmo que o “sentido de Deus” oriente todos os outros, o Escutismo deve zelar por um equilíbrio harmonioso e por não privilegiar um objectivo em detrimento de outro: muita actividade física, muita técnica, muita actividade religiosa... todo o excesso desvirtua o Escutismo.

A saúde e o desenvolvimento físico

Os progressos medicinais e sanitários não impedem a necessidade de continuar a ensinar uma criança a lavar-se, a estar apresentável, a adquirir regras de higiene... e todo o Chefe sabe que o trabalho é considerável em certas idades.

Mesmo se o desporto se desenvolveu consideravelmente, continua a haver muitas crianças e adolescentes que têm falta de dinamismo, de energia, que dificilmente são capazes de esforço físico, de resistência. A vida ao ar livre proporciona-lhes isto mesmo e permite-lhes reencontrar um equilíbrio de vida em harmonia com a natureza. Ao contrário, alguns cedem ao fenómeno do “culto do corpo” e é necessário chamá-los à atenção quanto à real importância do corpo e de não o sacralizar. Cuidar de si próprio tornou-se um dos aspectos essenciais da saúde. Nos nossos dias é preciso ensinar os jovens a lutar não só contra o tabaco, mas também contra a banalização da toxicodependência ou das experiências sexuais precoces.

A formação do carácter

Os progressos espectaculares do bem estar e do conforto podem resultar num enfraquecimento do carácter. Pelas exigências da vida comunitária na escola da natureza, o Escutismo desenvolve as qualidades necessárias à construção de uma personalidade sólida: a coragem, a força de vontade, a perseverança, o exceder-se... leva cada criança a ter progressivamente confiança em si mesmo. Ensina também a alegria de viver e convida cada um ao bom humor contagioso.

Mas a formação do carácter não se limita a estas virtudes de hoje, numa sociedade com excesso de informação é preciso ainda ensinar os jovens a terem discernimento e a desenvolverem a sua capacidade de julgamento e sentido crítico. É este um dos objectivos essenciais da pedagogia dos conselhos.

O sentido do concreto

O prolongamento da escolaridade obrigatória até aos 15 anos é certamente algo positivo. Mas isso contribui também para o aumento do aspecto puramente intelectual da educação. Ao insistir no desenvolvimento da habilidade manual, do espírito prático, do trabalho com as próprias mãos, o Escutismo favorece o desenvolvimento de outras qualidades humanas que, sem ele, se arriscavam a ficar inutilizadas. O Escutismo expande, equilibra e enriquece a personalidade.

A entrega pessoal

O Escutismo é uma escola de serviço e de entrega pessoal. Em toda a educação escutista, a prioridade absoluta é o serviço aos outros. Isto aprende-se desde a mais tenra idade pela prática da Boa Acção (B.A.), que deve tornar-se num verdadeiro reflexo. O Escutismo visa assim desenvolver, aumentar e traduzir em actos as capacidades de generosidade dos jovens, e evitar as atitudes egoístas para a pura satisfação dos desejos pessoais. Sendo decididamente contra as preocupações divulgadas pelas sociedades ocidentais contemporâneas, o Escutismo mostra que a verdadeira felicidade é a doação. Esta descoberta é progressiva; a Boa Acção é, acima de tudo, uma boa maneira de agradar. Ao crescerem, os jovens descobrem que assumir responsabilidades é colocar-se ao serviço dos outros. Os mais velhos são de seguida levados a ter responsabilidades ao serviço da comunidade e da Igreja. Na Partida de Caminheiros afirmam aceitar “a entrega de si mesmos em quaisquer circunstâncias”.

O sentido de Deus

O Escutismo quer dar a cada jovem a oportunidade de descobrir Deus:

- pela vida na natureza, que permite admiração e contemplação.
- pela vida com os outros, uma patrulha que vive a lei escutista é um símbolo vivo do amor de Deus; os esforços feitos em conjunto para se ajudarem mutuamente, os momentos de alegria, as amizades ligadas pela vida fraternal são oportunidades de sentir a obra de Deus através dos homens. O testemunho pessoal dos mais velhos (Chefes de Patrulha, Chefes) é essencial nesta descoberta.
- pelo tempo de oração previsto nas actividades, a descoberta do silêncio e do tempo consagrado a escutar
- pela possibilidade de encontrar um padre, em campo, ou para a preparação das etapas da vida escutista.

Actualmente, onde reina a dúvida e o desespero, o Escutismo oferece a cada jovem a possibilidade de encontrar um sentido para a sua vida. Para nós, este sentido é Cristo, que é o “Caminho, a Verdade, a Vida”. O Escutismo permite descobri-Lo como companheiro da nossa caminhada humana.

Assim, se os cinco objectivos são indissociáveis, eles são unificados por este último. Na verdade, toda a vida escutista é uma caminhada para a descoberta e realização desta unidade de vida.

UM MÉTODO ACTIVO FUNDADO NA CONFIANÇA

A confiança

A confiança é a base do método escutista. O primeiro princípio, “O Escuteiro/Guia empenha a sua honra para merecer confiança”, é a base de toda a lei escutista.

O Escutismo leva o jovem a sério:

- considera-o capaz de se comprometer dando a sua palavra: é o sentido da promessa, adesão voluntária a um modo de vida segundo a lei escutista
- porque crê na sua palavra, o Escutismo faz crescer cada jovem dando-lhe progressivamente responsabilidades adequadas, adaptadas à sua idade e às suas competências. As responsabilidades que são confiadas a um Chefe de Patrulha ou um Chefe de Tribo são excepcionais e servem para moldar uma personalidade sólida e duradoira.

Ao mesmo tempo, o Escutismo reserva para os adultos as suas responsabilidades específicas como o manter da distância, o recuar, mas também o controlar e o testemunhar. Os adultos constróem o ambiente no qual se realiza o jogo escutista, na maior confiança possível.

A Acção

O Escutismo é acção, jogo e aventura. Longe das cadeiras da escola, dos comandos de um jogo de consola ou de um ecrã de televisão, propõe ao jovem o concreto, o real. Para ajudar um jovem a ser verdadeiro, o Escutismo propõe verdadeiras aventuras, à medida de cada um, é claro. Ajuda assim o jovem a deixar o mundo virtual, para assentar os pés na terra, dando forma aos seus sonhos, à sua imaginação, à sua sede de aventura. Actualmente a concorrência é muita e é difícil motivar os adolescentes. Sem dúvida que é preciso imaginação para renovar as nossas temáticas de jogo e não permanecer prisioneiros dos temas exaltantes, mas históricos e menos motivantes. Sem dúvida que é preciso aprofundar a nossa mestria de técnicas de vida na natureza. Elas constituem um elemento essencial do jogo escutista porque traduzem uma competência real do jovem na natureza. O escuteiro adapta-se, é capaz de viver bem com meios simples, de conseguir boas realizações nos mais variados domínios. É um dos seus orgulhos.

Mas a acção não se desenrola apenas na natureza ou pelo jogo e pela técnica. A motivação e interesse nascem também de um sentimento de utilidade para com os outros. As nossas actividades devem, por isso, comportar acções de serviço concreto, eficazes e úteis, adaptadas a cada idade, e formadoras. Os Caminheiros comprometem-se muito nisto, mas também os Escuteiros o podem fazer, através da experiência notável das Patrulhas.

DIRECTÓRIO RELIGIOSO DA ASSOCIAÇÃO DAS GUIAS E ESCUTEIROS DA EUROPA – PORTUGAL

A Associação das Guias e Escuteiros da Europa – Portugal, é um movimento de educação Católico, aberto eventualmente a outras confissões cristãs, dentro das condições fixadas nos artigos que se seguem:

O escutismo foi criado, pelo seu fundador, como um método de educação, o mais completo possível, e que engloba necessariamente a educação religiosa. “O Escuteiro é um crente e eu repudio toda a forma de escutismo que não tenha a religião por base”(Baden-Powell). Parece claro que as necessidades de organização do Movimento Escutista não podem, em caso algum, prevalecer sobre as da educação dos seus membros. É necessário, pelo contrário, que se esforcem por estabelecer as estruturas que permitam o pleno desenvolvimento religioso de todos os jovens: O Escutismo é um método de educação que se deve colocar ao serviço da vida sobrenatural e não o inverso.

A Associação das Guias e Escuteiros da Europa – Portugal professa a fé cristã. Determina o conjunto dos seus actos e das suas decisões segundo as regras desta Fé. A unidade da Europa realizou-se na cristandade. O Cristianismo constituiu o elemento animador de uma civilização europeia comum, distinta nos seus modos de expressão, mas solidária no seu espírito, nas suas concepções sociais, nas suas instituições e no seu património de valores culturais. A AGEEP pensa que a Europa pode conhecer um renovar da sua civilização Cristã graças aos Homens que saberão que o seu destino sobrenatural ultrapassa as estruturas temporais e que realizarão as exigências do Evangelho na sua vida de todos os dias. A AGEEP deseja contribuir para a unidade de uma Europa aberta a todos os países do mundo, trabalhando para fazer nascer uma nova fraternidade dos povos em Cristo.

A AGEEP dá primazia à vocação de todo o cristão para a santidade. Um escuteiro ou uma guia deve viver a sua Promessa, os Princípios e a Lei segundo as exigências do Sermão da Montanha, verdadeira base de toda a vida cristã. Assim, a AGEEP é chamada a ser, em primeiro lugar, um meio de santificação da Igreja, um meio que favorece e encoraja uma união mais íntima entre a vida concreta dos seus membros e a sua fé. Com este objectivo, a AGEEP desenvolve a todos os níveis uma pedagogia específica, nomeadamente através das suas publicações, dos seus campos-escola para a formação dos chefes e das suas actividades nacionais. Mais particularmente, a AGEEP considera que a educação diferenciada das raparigas e dos rapazes no seio das unidades de vida distintas constitui um ponto essencial da sua pedagogia. O paralelismo e o enriquecimento mútuo das duas secções, masculino e feminino, permitem um pleno desenvolvimento das aptidões e vocações impressas no plano Providencial para cada um dos sexos. Como está formulado na Lei, o escuteiro ou a guia é amigo de todos e irmão de todos os outros escuteiros. Assim a AGEEP situa-se no seio da grande família de escuteiros e guias e trabalha para edificar com eles, no

espírito de Baden-Powell e no enquadramento do seu projecto educativo original, uma sociedade mais justa e mais fraterna.

O cristão pertence à Igreja manifesta de Cristo, participa na sua vida litúrgica e sacramental, e dela recebe as directivas de acção. Se no plano nacional, a Associação não pode estar ligada na sua totalidade a uma só Igreja, pelo contrário, todo o membro da AGEEP deve pertencer a uma igreja ou preparar-se para pertencer. A AGEEP aceita somente os jovens e os grupos que pertençam a uma das seguintes Igrejas: a Igreja Católica, a Igreja Ortodoxa ou uma das Igrejas Evangélicas provenientes da Reforma e que confessem a divindade de Cristo e reconheçam o Símbolo dos Apóstolos como definição da Fé. Toda a unidade escutista ou guidista da AGEEP deve situar-se claramente numa destas igrejas. Ninguém pode pronunciar a Promessa escutista (ou guidista) se não for baptizado. Pode-se, no entanto, admitir à Promessa um escuteiro (ou uma guia) comprometido na formação catecúmenal.

Cada Igreja tem uma concepção bem definida da educação. Não é concebível que a Religião possa ser matéria de ensino separado. Esta deve banhar com a sua luz a totalidade dos conhecimentos que são comunicados e das actividades que são praticadas. Numa concepção do Escutismo fiel a Baden-Powell não seria admissível que se separasse a vida religiosa da vida técnica da Unidade. O pleno desenvolvimento religioso dos jovens exige portanto, que os seus chefes pertençam à mesma Igreja que eles, professem a mesma doutrina, participem na mesma vida litúrgica e sacramental. Por isso é que a AGEEP considera uma situação normal a constituição de Unidades, Grupos, Distritos e Províncias confessionalmente homogéneos, espiritualmente animados e guiados pelas suas Igrejas, tanto no plano local como à escala nacional. Os chefes, de todos os escalões, têm o dever de favorecer o ministério dos Conselheiros Religiosos juntos dos jovens que lhes são confiados. É importante que os Conselheiros Religiosos aprofundem o seu conhecimento do método escutista, de forma a ter em conta, na sua pastoral, as especificidades próprias do escutismo e do guidismo, velando para que não se substituam aos chefes laicos. Os jovens, mais particularmente os jovens chefes, não devem ser olhados como simplesmente objecto da solicitude pastoral das Igrejas: devem ser encorajados a tornarem-se naquilo que são de facto, a saber quais os sujeitos activos que tomam parte na evangelização e na renovação social do mundo que os rodeia.

Num país onde coabitam diversas confissões cristãs, a Unidades de escuteiros e guias pertencentes às diversas igrejas cristãs podem coexistir numa mesma associação, cada grupo acolhendo os jovens de uma mesma Igreja. Assim, um jovem cristão pode, a título excepcional, integrar uma unidade pertencente a uma outra confissão cristã diferente daquela em que foi baptizado, no caso de não existir próximo do seu lugar de habitação, um grupo da sua confissão. Os chefes velarão para que os pais do jovem sejam pessoalmente e directamente informados do carácter confessional próprio do grupo e para que se assegurem que estes estão de acordo com a integração do seu filho nesta unidade. Desde que seja possível, a associação coloca, para cada Igreja, uma

equipa de animação religiosa constituída por chefes e conselheiros religiosos com o objectivo de assegurar a conformidade pedagógica da fé nas directivas da Igreja respectiva. A associação velará a que cada Igreja seja representada nas instâncias da associação ao nível regional e/ou nacional.

Na idade educativa, que é a da infância e da adolescência, não podemos pôr, obviamente, em contacto habitual, sem necessidade, os jovens de confissões diferentes, sem lhes fazer correr o risco de ficarem com uma visão do relativismo e do cepticismo. Nenhuma mistura inoportuna se deve criar sob o pretexto de unidade: é indispensável que cada um se mantenha, plena e totalmente na fidelidade à sua Igreja, prestando assim um testemunho verdadeiro e sincero da Fé à qual está justamente confinado. Mas para os Caminheiros e Guias-Mais-Velhas, que vão entrar para a vida, o Escutismo Europeu oferece a possibilidade de encontros inter-confessionais cujos benefícios não se perderão. Ao nível dos chefes, tal diálogo não é somente benéfico mas indispensável: face aos diversos materialismos quer sejam de origem marxista ou outra, no desenvolvimento das secções, na indiferença religiosa, estes têm o dever de trabalhar activamente para construir a rede humana que testemunhará no mundo a universalidade da Igreja de Cristo.

Em todas as ocasiões, - tanto no decorrer de acampamentos e actividades que reúnam ocasionalmente Unidades ou Grupos pertencentes a Igrejas diferentes - devem ser concedidos todos os meios aos conselheiros religiosos para que possam encontrar os jovens no lugar próprio do campo, participar em cerimónias, refeições, veladas, fogos de conselho e reuniões de toda a espécie. Os chefes de campo deverão recordar-se que o seu primeiro dever é favorecer a vida espiritual daqueles que estão sob a sua responsabilidade e de zelar para que os mesmos participem nos ofícios religiosos segundo as regras da sua confissão. Tomarão todas as medidas úteis para que a Missa seja assegurada, pelo menos em cada Domingo para os católicos (e mesmo se possível, em campo, todos os dias), que seja celebrada a Divina Liturgia para os ortodoxos e os cultos para os reformados. As celebrações litúrgicas assim como os cultos não serão celebradas em comum. As reflexões doutrinárias relativas às questões ecuménicas devem ser feitas segundo as normas das Igrejas respectivas.

Quando a Associação das Guias e Escuteiros da Europa - Portugal se abre a outras confissões Cristãs, não perde por isso o seu carácter de movimento de educação da sua própria confissão. Mas as outras confissões devem, por seu lado, poder assegurar integralmente a formação religiosa dos seus membros com os mesmos direitos e as mesmas garantias que a associação nacional conserva para si mesma. As garantias seguintes são-lhes asseguradas:

- a) Criação de uma equipa de animação religiosa que participe nos conselhos de Chefes dos diversos escalões.
- b) Liberdade, para cada confissão, na formação de Chefes e Jovens:
 - Criar brevets de religião e provas religiosas obrigatoriamente integradas nos programas técnicos para cada nível de formação escutista;

- Organizar Campos-Escola, sob reserva das garantias pedagógicas habituais, ou se essas garantias não puderem ser apresentadas, participação na direcção dos Campos-Escola;
- Agrupar os Jovens, os Chefes e os Conselheiros Religiosos em manifestações comuns tais como Jornadas de Chefes, Peregrinações, Retiros, etc.;
- Editar revistas de carácter espiritual ou de formação doutrinal, e publicações de carácter confessional para uso dos Conselheiros Religiosos, dos Chefes e dos jovens.

CARTA DOS PRINCÍPIOS NATURAIS E CRISTÃOS DO ESCUTISMO EUROPEU

A presente carta tem por objectivo:

- Definir as ideias-chave que serviram de base ao Escutismo desde as suas origens: *“O Escuteiro é um crente e eu repudio toda a forma de escutismo que não tenha a Religião por base”*, escreveu Baden-Powell, fundador do Escutismo;
 - Conceber e exprimir claramente os princípios naturais e Cristãos que são o fundamento da civilização europeia;
 - Analisar os fundamentos permanentes que constituem os alicerces do método escutista de educação sob os diversos aspectos que lhe são dados pelo espírito de cada povo e pela sucessão de gerações;
 - Constituir, deste modo, um código de referência comum a todos aqueles que pretendem fundar, sobre bases concretas, uma autêntica fraternidade escutista internacional.
- 1) O Escutismo crê no destino sobrenatural, pessoal e único de cada homem, e recusa, por conseguinte, toda a concepção social que conduza a qualquer fenómeno de “massificação ou colectivização” que sacrifique o homem à sociedade.
 - 2) O Escutismo pretende formar o homem de Fé, filho da Igreja.
 - 3) O Escutismo distingue o natural do sobrenatural sem os confundir nem os separar: as associações que o invocam são animadas por chefes laicos aos quais os pais dos jovens delegam a sua autoridade. Estes educadores apoiam-se nos direitos e deveres dos laicos na sociedade; entregam aos domínios, tanto espiritual como temporal, aquilo que lhes devem como todo o baptizado e cidadão.
 - 4) O Escutismo pretende educar o sentido da “contemplação” e do “sagrado”.
 - 5) O Escutismo considera a vida e o jogo na natureza como um centro essencial e original do seu método. Não reduz o homem a um simples “Biscateiro”. Crê que a natureza foi feita primeiramente para ser contemplada, e mais para ser melhorada do que transformada: pretende educar os jovens na humildade, no espírito de pobreza e no sentido de serviço gratuito pelo emprego de meios simples, ao alcance de todos, e que desenvolvam o raciocínio, a habilidade, o “saber-fazer” e o sentido da harmonia, o que exclui o emprego de técnicas dispendiosas, exaltantes e semeadoras de ilusões.
 - 6) O Escutismo pretende fugir, em todos os domínios, às diversas formas de materialismo ou de totalitarismo, mesmo às mais dissimuladas, quer pertençam ao passado, ao presente ou ao futuro.
 - 7) O Escutismo define-se como um método de educação: difere, por natureza e na sua finalidade, do “movimento de juventude” cujo objectivo principal é servir o Estado, ou uma ideologia política, laica ou até espiritualista. Contrariamente ao “movimento de juventude” o Escutismo considera-se, em consonância com a escola, como complemento da família a quem a criança pertence em primeiro lugar.

- 8) O Escutismo, método de educação completo, pretende educar o homem no seu todo e atribui, para além da formação pessoal, uma importância relevante à formação do Homem Social, independentemente da formação pessoal: ensina o amor à Pátria, o sentido da honra, a verdadeira fidelidade, o respeito pelo compromisso tomado e o gosto pelas responsabilidades cívicas no enquadramento das comunidades naturais.
- 9) O Escutismo, método activo de educação, esforça-se por “objectivar” a criança, depois o adolescente: incita-o a ultrapassar-se sem deixar de ser ele próprio; fá-lo descobrir a objectividade da Verdade num quadro social à medida das suas necessidades e das suas forças. Vê o adolescente tal e qual ele é e não segundo esquemas artificiais e pré fabricados.
- 10) O Escutismo pretende preparar homens lúcidos: mostra aos jovens as verdadeiras realidades, ou seja, fundamentos permanentes, e forma assim os caracteres.
- 11) O Escutismo ensina a ser-se livre. Através do “Sistema de Patrulhas” faz viver os jovens em pequenos grupos de seis a oito, comandados por um deles, onde cada um possui o seu cargo particular: ensina assim o sentido da responsabilidade e o exercício de uma autoridade na justa medida da competência.
- 12) O Escutismo, método de educação que repousa sobre noções de ordem natural, e portanto permanentes e objectivas, procura promover homens capazes de se adaptarem e de conservar a razão da sua vida qualquer que sejam as modificações de contexto social e psicológico que os cerquem. Possui consequentemente, em si mesmo, possibilidades quase infinitas de renovação interna, no respeito da maior fidelidade aos seus princípios e à sua finalidade.

NOTA: O presente texto em língua francesa da Carta do Escutismo Europeu foi redigida em Paris (França), a 15 de Junho de 1965. Por decisão do Conselho Federal da F.S.E. a 5 de Dezembro de 1976, esta carta foi anexada aos Estatutos da União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa para que constituísse um dos seus textos fundamentais.



PONTIFICIUM CONSILIUM
PRO LAICIS

1130/03/AIC-15a

DECRETO

A União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa – Federação do Escutismo Europeu teve o seu início durante um encontro entre jovens chefes escuteiros Alemães e Franceses, a 1 de Novembro de 1956 em Colónia, na Alemanha. Na sequência desta reunião, constituiu-se uma associação internacional de escuteiros, segundo o espírito de alguns fundadores do escutismo católico, como o Padre Jacques Sévin, sj, o Prof. Jean Corbisier e o Conde Mário di Carpegna, que se esforçam por introduzir o programa educativo do escutismo nos meios católicos no início do século XX. O casal francês Perig e Lisig Géraud-Keraod merecem uma menção muito particular, já que foram responsáveis pela União durante muitos anos, contribuindo para lhe dar um grande impulso.

Desde há quase cinquenta anos, que a União desenvolve um programa pedagógico específico, concebendo o escutismo como um meio de apostolado no seio da Igreja para a formação humana e cristã dos jovens, no quadro da vocação universal para a santidade à qual todos os cristãos são chamados (cf. Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, 40). Como se pode ler nos Estatutos Federais, «A União visa reunir numa mesma comunhão de fé, de oração e de acção, as diversas associações nacionais das Guias e Escuteiros da Europa, cujo fim essencial é formar os jovens para a prática do escutismo tradicional de Baden-Powell, sobre as bases cristãs que são o fundamento da nossa comum civilização europeia» (cf. Estatutos Federais, 1.2.1).

O escutismo vivido na União está baseado sobre três pontos fundamentais: a Promessa, a Lei e os Princípios Escutistas ou Guidistas (cf. Estatutos Federais, 1.3) vividos segundo as exigências expressas por Cristo no Sermão da Montanha, que começa pelas oito Bem-Aventuranças (cf. Mt 5, 3-10) simbolizadas pelas oito pontas da cruz de Malta, emblema oficial de todas as associações membros da União. A União considera como linha de orientação as palavras endereçadas por Sua Santidade João Paulo II – no decorrer da Audiência Geral de 3 de Agosto de 1994 na Basílica do Vaticano – às Guias e Escuteiros da Europa que provêm de quinze nações reunidas por ocasião do seu segundo Eurojam (cf. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, 17/2 – pp. 104106). Este discurso marca uma etapa fundamental na vida da União, e é a fonte das suas linhas de acção.

A União acolhe a título de "associadas", as associações que pertençam a outras Igrejas e comunidades eclesiais, no respeito dos princípios da Igreja Católica sobre o ecumenismo e sobre as disposições contidas no Directório Religioso da União.

O Consílio Ecuménico Vaticano II e o magistério pós-conciliar deram uma atenção muito particular às formas associativas de participação na vida da Igreja, manifestando uma profunda estima e uma grande consideração a esse respeito (cf. Decreto sobre o Apostolado dos leigos *Apostolicam actuositatem*, 18, 19 e 21; João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christi laici*, 29).

Dentro desta mesma linha, no limiar do terceiro milénio, o Papa João Paulo II, escreve que «o dever de promover os diversos tipos de associações reveste-se de uma grande importância para a comunhão, quer sejam sobre as formas mais tradicionais ou aquelas mais recentes dos movimentos eclesiais; estas formas continuam a dar à Igreja uma vivacidade que é um dom de Deus e que constitui uma autêntica "primavera do Espírito." (carta apostólica Novo Millennio ineunte, 46).

Por consequência:

Respondendo ao pedido apresentado ao Pontifício Conselho para os Leigos pelo Sr. Attilio Grieco, Presidente Federal da *União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa – Federação do Escutismo Europeu*, solicitando o reconhecimento canónico internacional desta federação, assim como a aprovação dos seus Estatutos;

No seguimento de numerosas consultas e de um estudo aprofundado do texto estatutário;

Considerando a opinião favorável dos Bispos de vários países da Europa, desejando o reconhecimento pontifical da União;

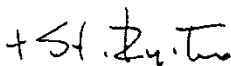
Tendo em conta a vontade da União de manter relações de colaboração fraternal com as Organizações Internacionais Católicas pertencentes ao movimento escutista e reconhecidas pela Santa Sé;

Vistos os artigos 131-134 da constituição Apostólica Pastor Bónus, sobre a Cúria Romana, assim como o cânone 312, § 1, 1 do Código de Direito Canónico, o Pontifício Conselho para os Leigos decreta:

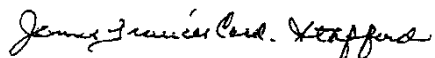
1.º) O reconhecimento da *União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa – Federação do Escutismo Europeu* como Associação Privada Internacional de Fiéis de Direito Pontifício, dotada de personalidade jurídica, conforme os cânones 289-311 e 321-329 do Código de Direito Canónico.

2.º) A aprovação dos seus estatutos, devidamente autenticados e com um exemplar depositado nos arquivos do Dicastério, por um período «ad experimentum» de cinco anos.

Dado ao Vaticano, em vinte e seis de Agosto de dois mil e três, na festa da Bem Aventurada Virgem de Jasna Góra.



+ Stanisław Rylko
Secretário



James Francis Card. Stafford
Presidente



PONTIFICIUM CONSILIUM
PRO LAICIS

1465/08/AIC-15a

DECRETO

Considerando o Decreto de reconhecimento da *União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa – Federação do Escutismo Europeu* como uma Associação Privada Internacional de Fiéis, dotada de personalidade jurídica e a aprovação dos seus estatutos «ad experimentum» durante cinco anos, desde 26 de Agosto de 2003 (Prot. N.º 1130/03/AIC-15a);

Considerando a carta datada de 12 de Janeiro de 2008, transmitida pelo Sr. Giovanni Franchi de' Cavalieri, como Presidente Federal da *União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa – Federação do Escutismo Europeu*, questionando a aprovação definitiva dos estatutos pelo Pontifício Conselho para os Leigos;

Notando-se o desenvolvimento conseguido pela União desde o seu reconhecimento, ajudado pela preciosa contribuição trazida pelo método educativo do escutismo ladeado pela Fé Católica para a formação de novas gerações de jovens;

Considerando a possibilidade de aprovação definitiva dos estatutos da *União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa – Federação do Escutismo Europeu*, não tendo qualquer modificações a ser inseridas no seu texto;

Considerando os itens 131-134 da Constituição Apostólica *Pastor Bónus* da Cúria Romana e o cânone 313, § 1, 1.º do Código do Direito Canónico, o Pontifício Conselho para os Leigos decreta:

1.º) A confirmação do reconhecimento da *União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa – Federação do Escutismo Europeu* como uma Associação Privada Internacional Fiéis de Direito Pontifício, dotada de personalidade jurídica, de acordo com os cânones 298-311 e 321-329 do Código de Direito Canónico;

2.º) A aprovação definitiva dos estatutos da *União Internacional das Guias e Escuteiros da Europa – Federação do Escutismo Europeu*.

Dado ao Vaticano, em vinte e seis de Agosto de dois mil e oito, na festa da Bem Aventurada Virgem de Jasna Góra.

+ *Dr. Clemens*

+ Josef Clemens
Secretário

St. Card. Rylko

Stanisław Card. Rylko
Presidente

